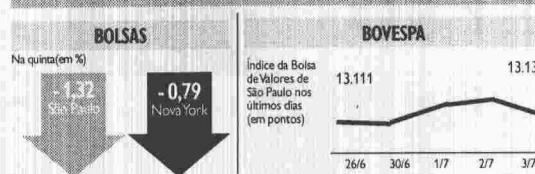


Bueno



DÓLAR

Comercial venda, quinta-feira (em R\$)

26/junho	2,825
27/julho	(▲ 0,28%)
30/junho	2,84
1/julho	2,83
2/julho	2,81

Últimas cotações (em R\$)

26/junho	2,90
27/julho	2,88
30/junho	2,84
1/julho	2,83
2/julho	2,81

EURO

Turismo, venda (em R\$)

3,326 (▼ 0,03%)

OURO

Oração na Comex de Nova York (em US\$)

350,80 (Estável)

CDB

Preço fixo, 32 dias (em % ao ano)

24,95

INFLAÇÃO

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2003	2,25
Fevereiro/2003	1,57
Março/2003	1,23
Abri/2003	0,97
Mai/2003	0,61

POLÍTICA ECONÔMICA

Índices registram deflação no mês de junho e levam especialistas a definir como certa uma redução na taxa básica. A partir de setembro inflação deve ficar em torno de 0,5%, segundo economistas

Preços e juros em baixa

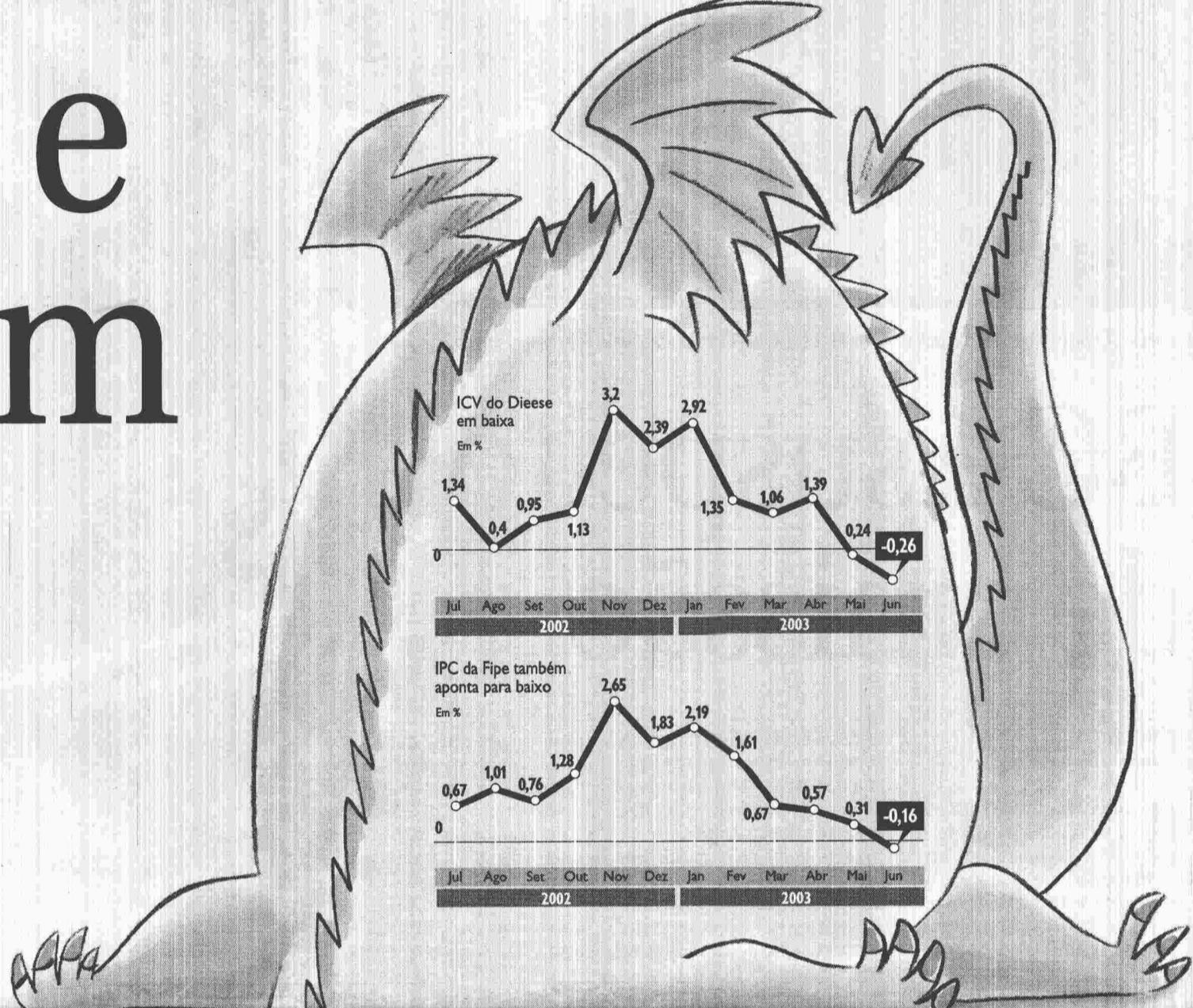
VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Vítima de uma brutal alta de preços e de um achatamento sem precedentes no salário, o brasileiro começa, finalmente, a receber boas notícias. Ontem, os dois principais índices de inflação de São Paulo — estado que responde por cerca de 40% da riqueza produzida no país — apontaram deflação. Ou seja, na média, os preços tiveram queda em junho quando comparados aos de maio. Pelas projeções do mercado, é provável que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado como referência para as metas de inflação do governo e para a definição dos juros, também tenha ficado negativo no mês passado em 0,05%. O IPCA será divulgado no próximo dia 10, quase duas semanas antes da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para 22 e 23 de julho. O mercado aposta na queda da taxa básica de juros, atualmente em 26% ao ano.

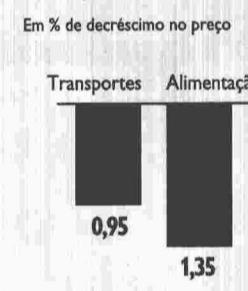
Redução forte
Esses resultados ajudaram a en grossar o coro dos economistas e integrantes do governo que pregam uma redução mais forte das taxas de juros. As apostas indicam que o Copom cortará os juros entre um e dois pontos percentuais neste mês, já que todas as projeções apontam para novos recuos da inflação (*leia texto abaixo*). Na avaliação do coordenador da Fipe, Heron do Carmo, o IPC da Fipe fechará o ano em 8,5%, número fixado como meta pelo governo para o IPCA. Ele lembrou que a inflação acumulada pelo IPC no primeiro semestre ficou em 5,3%, podendo o índice chegar a 7% até agosto por causa dos reajustes das tarifas públicas, especialmente as de telefonia e de energia elétrica.

A partir de setembro, disse Alexandre Maia, economista-chefe da Gap Asset Management, a tendência é de que a inflação varie entre 0,4% e 0,5% ao mês até o fim do ano. Mais otimista, Heron do Carmo acredita que o IPC da Fipe pode até registrar novas deflações. "Uma inflação de 1,5% para os quatro últimos meses de 2003 é uma previsão pessimista", afirmou, ressaltando que, em junho, a deflação do IPC só não foi maior por causa dos preços do vestuário, que subiram 1,09%, e dos planos de saúde, que ficaram, em média, 0,81% mais caros.

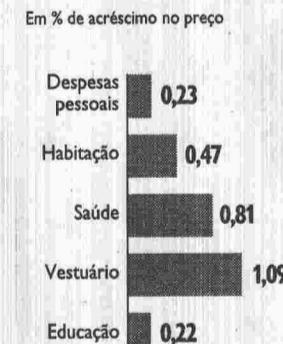
A queda da inflação decorreu, principalmente, da forte redução dos preços dos alimentos e dos combustíveis — a gasolina caiu 3,82% e o álcool, 12,48%. O grupo alimentação foi influenciado pe-



O que provocou a deflação do IPC



O que evitou que a queda fosse ainda maior



Arte: Jelson Miranda/Anderson Araújo

TARIFAS EM ALTA

Os índices de preços voltarão a subir neste mês, puxados pelas tarifas públicas. Segundo o Banco Central, somente os reajustes da telefonia vão representar 0,56 ponto percentual da inflação de julho, estimada entre 0,8% e 0,9%. Ontem, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) autorizou reajuste de 10,95% para as tarifas cobradas pela Eletropaulo, distribuidora que atende a região metropolitana e vários municípios de São Paulo. As contas de água também ficarão mais caras neste mês.

Índices pressionam Banco Central

Se o Comitê de Política Monetária (Copom) não promover um corte substancial na taxa básica de juros (Selic) ainda neste mês, imporá um custo desnecessário à economia do país. Foi o que afirmou o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), ao analisar a deflação registrada em junho pelo Índice do Custo de Vida (ICV), do Dieese, e o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe.

Segundo Thadeu, a forte queda nos preços ao consumidor indica que houve um exagero na decisão do Copom de manter os juros elevados por tanto tempo. "E isso foi reconhecido no último relatório de inflação do Banco Central, que projetou um Índice de Preços

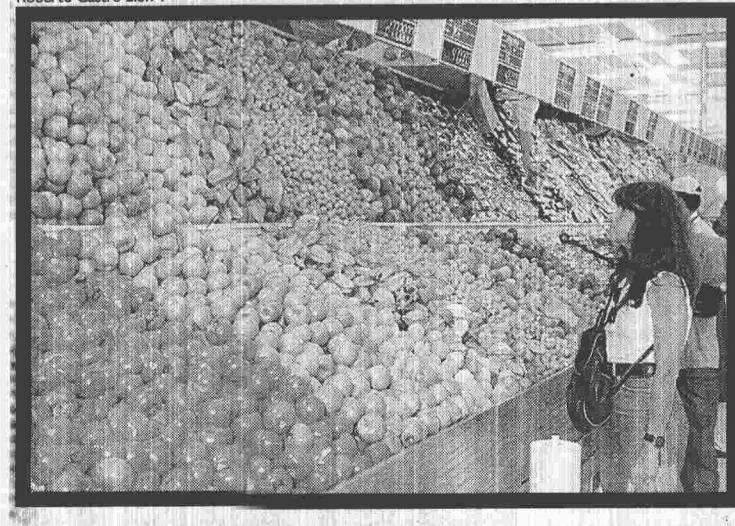
ao Consumidor Amplo (IPCA) de 4,2% para 2004, taxa inferior à meta de 5,5% fixada pelo governo", ressaltou. No entender do economista, que já foi diretor da dívida pública do BC, desde o início do ano, as expectativas de inflação projetadas para os 12 meses seguintes vêm despencando, ao mesmo tempo em que as taxas reais de juros sobem em uma velocidade inaceitável.

Em janeiro, diante de uma inflação projetada de 13,44% para 12 meses à frente, os juros reais estavam em 10,24%. Agora, para uma inflação estimada de 6,98% para os próximos 12 meses, os juros reais saltaram para 17,78%. "Não há economia no mundo que consiga conviver com taxas tão elevadas", destacou Thadeu.

Segundo Alexandre Maia, economista-chefe da Gap Asset Management, olhando para os juros reais de hoje, a Selic pode cair entre 1,5 e dois pontos percentuais ainda em julho. "E, mesmo assim, os juros, quando descontada a inflação, continuarão muito elevados", disse Maia. Atualmente, a Selic está em 26% ao ano.

O economista da Gap, no entanto, elogiou o conservadorismo do Copom na condução da política de juros. A seu ver, não fosse a firme postura do Comitê, de não ceder às pressões para derrubar a Selic nos últimos meses, dificilmente a inflação teria recuado de forma tão expressiva como se viu. "Agora, sim, o Copom tem justificativas de sobras para jogar os juros para baixo", afirmou. (VN)

Roberto Castro 2.6.94



OFERTA DE TOMATES EM SUPERMERCADO: VALOR DO PRODUTO CAIU 18%